

## **Jovens negros e manifestações religiosas: congadas de Goiânia/GO e cacumbi de Laranjeiras/SE (o louvor e a brincadeira)**

**Adriane A. Damascena<sup>1</sup>**

**Paulo J. C. Mello<sup>2</sup>**

A diversidade das festas e das manifestações culturais em Sergipe são reconhecidamente uma das mais ricas do país. Goiás, e particularmente Goiânia, assim como o próprio cerrado, onde fica localizada, tem encantos pouco conhecidos, e manifestações culturais de rua, por muitos desconhecidas. Essas duas localidades, de diferentes regiões e com interesses e cotidianos diversos, se irmanam quando se trata de louvar a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Cada qual de uma maneira diferente, mas com compromisso com sua ancestralidade, sua memória familiar e com a fé manifesta em cantos e danças.

Em Sergipe, cacumbi; em Goiás, congada. Em muitos outros lugares essa expressão cultural aparece com diferentes nomes e enredos. Para Souza (2006), em Florianópolis, o cacumbi se origina das congadas, onde eram feitas as coroações do rei e da rainha do congo. Mas em cada um dos lugares em que essa manifestação ocorre, ela tem sua própria trajetória; no entanto, todas têm seu fundamento e sua manutenção na população negra.

O cacumbi da cidade de Laranjeiras (SE), assim como as congadas em Goiânia (GO), como tantas outras manifestações culturais tradicionais, não se tem muito claro a origem dos festejos dos quais eles fazem parte, a não ser a de uma memória, da continuidade e da tradição. No entanto, um grupo que tem uma herança cultural negra tão forte, advinda da população que foi escravizada, aprendeu a criar mecanismos de sobrevivência e de resistências, adaptações e readaptações inscritas nas relações de poder (Hall, 2003; Castells, 2001).

Considerando que o que é vivido transita em tempos múltiplos e também relativos, pois, muitas vezes, estão no nível simbólico. Pois é, um

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela UFPE e Doutora em Geografia pela IESA-UFG. Professora da SEED-SE. Email- [adridamascena@gmail.com](mailto:adridamascena@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em História (PUC/RS); Professor Adjunto (UFS). E-mail: [paulojc.mello@gmail.com](mailto:paulojc.mello@gmail.com).

elemento essencial para a própria identidade quer seja individual quer seja coletiva (LE GOFF, 2003). É no universo do simbólico, da memória, que os grupos de louvor aos santos pretos recriam suas crenças, identidades e pertencimentos. Com isso, se veem ligados por um passado e, sobretudo, pelo presente. Como nos lembra (HALL, 2003, p. 33), “sempre há um ‘deslize’ inevitável do significado na semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado”.

Cabe ressaltar que da trajetória da população negra na história da construção desse país, foi pautada por sincretismos<sup>3</sup> de resistências, resistências respaldadas na memória e no corpo. Como Ferreti (2011) nos informa, sincretismos são muitas vezes relacionados às religiões de matriz africana, ou religiões afro-brasileiras, uma vez que foram formados no Brasil considerando a inclusão de elementos africanos, católicos, e também ameríndios, além de outros. Mas o sincretismo é sempre um termo polêmico nos estudos da religião, ora entendido com adaptação, ora como uma tentativa de explicar uma convivência sem conflitos.

A origem, tanto da congada quanto do cacumbi, remete às irmandades e confrarias, sendo que estas eram as mais diversas possíveis, e inúmeras eram as explicações acerca do reinado com congo que apareciam à vista de todos nos principais eventos públicos da cidade<sup>4</sup>. As irmandades para os negros, em virtude de sua condição da escravidão, mostravam:

[...] a possibilidade de resgatarem a sua humanidade e viverem a esperança de dias melhores. Em vista disso, constituíam-se funções essenciais destas associações – proteger, socorrer e prestar auxílio a seus membros nos momentos de dificuldades ou de doenças (QUINTÃO, 2002, p.33).

Hoje também esses grupos que são ora chamados de folclóricos, ora entendidos com folguedos, se firmam sempre por uma força coletiva e de grupo, por vezes guiados por líder comunitário ou familiar, que também tem uma ação voltada à perpetuação do grupo, para que não morra a tradição.

---

<sup>3</sup> Esse é um tema bastante polêmico que permite diferentes interpretações, como afirma Ferreti (2011)

<sup>4</sup> Os cortejos eram festivos ou fúnebres e grande parte deles eram organizados pelas irmandades. A diversidade se apresentava na disposição espacial das irmandades ou agremiações religiosas leigas que poderiam ser de africanos (também chamados de pretos-novos, boçais ou infieis). Fazer parte de uma irmandade ou confraria é sempre um ato de prestígio (SOARES, apud, DAMASCENA, 2012).

Muitas vezes há também a necessidade de encontrar saídas que atendam não a um, mas a todos que fazem parte do grupo.

Cabe lembrar que, em tempos modernos, a manutenção das manifestações tradicionais nos espaços urbanos é um desafio, pois, a cada ano, o número de grupos e também o número de componentes por grupo muda e flutua, sofrendo os efeitos das dificuldades, dos desafios e, por vezes, contando com os incentivos.

No caso de Sergipe, e particularmente em Laranjeiras, Fontes (2014) ressalta a importância das políticas públicas e a ação do governo na proteção e no incentivo às atividades culturais como fundamentais para dar folego e reavivar os festejos e práticas; ao mesmo tempo em que chama atenção para a necessidade dos grupos de manifestações populares se reorganizarem para que possam se beneficiar das verbas e apoios próprios para a sua manutenção.

O encontro de gerações é uma marca nos grupos, o conhecimento dos mais velhos só faz sentido hoje se houver quem possa entender que é preciso dar continuidade ao saberes e práticas presentes naquela manifestação cultural.

O vigor que o cacumbi ou a congada apresentam hoje, e a sua dinamicidade, está posta pelos espaços urbanos, pela presença dos jovens e, também, pelo seu olhar sobre a prática do tradicional, o que, em certa medida, pode demonstrar que as tradições culturais, seja em Sergipe, seja em Goiás, possivelmente estão em constante interação com as culturas contemporâneas. Esse fato pode causar um atrito pela diferença de linguagem e de interesse. Da mesma forma, também, é possível que essa mesma linguagem possa ser apropriada pelos grupos em virtude dos jovens que delas fazem parte, o que permite e possibilita uma interação, uma aproximação entre o passado e o presente na tradição que ele participa e, ao mesmo tempo, que leva um frescor e uma nova vitalidade à tradição, que muitas vezes é familiar e lhes confere uma identidade de grupo e também um forte sentimento de pertencimento.

Assim minha descoberta, da minha própria identidade, não significa que a elabore no isolamento, sim a negocie por diálogo, parcialmente interior e parcialmente exterior, com os outros. É a razão pela qual o desenvolvimento de um ideal de identidade, engendrado

interiormente, dá uma nova importância ao reconhecimento. Minha própria identidade depende virtualmente de minhas relações dialógicas com os outros (TAYLOR, apud MUNANGA, 2002, p.71).

A presença dos jovens nas práticas tradicionais faz com que essa manifestação da qual faz parte seja imediatamente registrada e comunicada por meio das redes sociais, com o uso dos celulares e da internet. Esses novos recursos tem ajudado na manutenção da memória como algo além de lembranças, também tem possibilitado a permanência de ações individuais e coletivas, o que contribui para a permanência de festa e a sua “integridade” (GIDDENS, 1991), resultado da persistência, e, sobretudo pelo trabalho de interpretação empregado para a continuidade da congada, seja pelos jovens, seja pelos estudiosos que acompanham os grupos. (DAMASCENA, 2012).

O aprender é fundamental para a manutenção seja do cacumbi, seja da congada. E um dos pontos que atraem os jovens é o caráter performático que tem esses folguedos. O aprender fazendo é um forte aliado no momento de aprendizagem, os componentes dos grupos estabelecem por meio das brincadeiras que ocorrem as danças e os cânticos que tem uma irreverência e um caráter de improviso que dão uma dinâmica que requer habilidade de conhecer e de apresentar para os pares, e também para a “plateia”, o que é o cacumbi ou o que é a congada. A paisagem sonora (LUCAS, 2002), com os fogos, as músicas e as rezas, vão compondo a seleção de cantigas que podem ser de chegada e de apresentação, ora na igreja ora nas ruas, e quando vão fazendo suas visitas aos devotos que querem agradecer as graças alcançadas. Sobre o cacumbi, podemos ver que ele:

se apresenta em forma de cordões (fila indiana), sempre em números pares, de acordo com a quantidade de componentes, que varia de uma apresentação para outra. O Mestre fica no meio dos cordões, comandando o grupo com um apito. A musicalidade do grupo está relacionada ao momento da apresentação, se a brincadeira for na rua, eles cantam músicas de cortejo de rua; se estiverem dentro da Igreja ou na procissão, serão músicas específicas para a ocasião. O grupo é acompanhado por instrumentos de percussão como pandeiros, ganzás, reco-reco e caixas, que são usadas pelos componentes do grupo, ao mesmo tempo em que apresenta seu bailado, a única figura que não utiliza instrumento é o Mestre. A indumentária é bastante alegre, com cores muito fortes, pautadas no amarelo ouro para as camisas e no branco para as calças usam muitas fitas coloridas para enfeitar a camisa e no chapéu, que é de palha e forrado de acordo com a cor usada pelo componente, é bastante enfeitado de fitas e espelhos. Essa é a indumentária dos dançarinos (FONTES, pág.17, 2014).



FONTE: <http://congadavilajoaovaz.blogspot.com/> acessado em fevereiro de 2011. In:  
DAMASCENA, 2012.

A congada muito se assemelha ao cacumbi. Como podemos ver no trabalho de Damascena (2012, p.14) quando descreve a congada que se apresentam como ternos:

O termo terno refere-se ao grupo de dançadores, a menor unidade ritual da congada. Os ternos de Congo festejam a santa de uma maneira muito particular, com cantos que comportam temática de louvor aos “santos pretos”, cantos que são um misto de tradição ancestral, mas carregados de improvisos que dizem respeito a eventos ocorridos no momento do cortejo e das visitas. O ritmo tocado é marcado pelas caixas que dão o tom e a marcação de cada terno. As caixas, que marcam também o vínculo com a ancestralidade, são instrumentos de percussão. Seu formato é cilíndrico, feita geralmente de folha de compensado e, tradicionalmente, com couro nas extremidades. São tocadas com baquetas geralmente recobertas nas pontas para fechar mais o som. Há também nos ternos outros instrumentos que variam de grupo para grupo. As danças e coreografias seguem o ritmo e os passos que são sempre determinados pelo capitão. O terno é composto por homens em sua maioria, sendo a presença feminina restringida aos postos de bandeirinhas e princesas. Os ternos se apresentam com fardamentos (da guarda) que são iguais para os dançadores que também tocam instrumentos como caixa, sanfona e pandeiro. A roupa se revela diferente para os componentes com patentes, como é o caso do capitão e do general. Os homens da guarda dos ternos de Congo cantam, tocam e dançam, muitas vezes simultaneamente<sup>5</sup>.

<sup>5</sup>Descrição baseada no Inventário do IPHAN e Documentação das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás (RIOS & RATTIS, 2008).

Os rituais e os ritmos encontrados são todos em louvor, mas os grupos de congada revelam a herança e interpretação do que é tocado. Os elementos visuais, sonoros e mesmo a comida presente nas festas da congada revelam soluções estéticas e funcionalidades no que é sagrado, mostrando, em certa medida, conexões entre o homem e as divindades.

Os jovens são fundamentais nesse contexto das manifestações culturais como cacumbi e congada por que nos faz pensar essas prática e performances<sup>6</sup> como um possível elemento mediador na educação dos seus praticantes, constituindo nessa relação uma referência identitária cultural e formativa. Uma efetivação da compreensão da congada e do cacumbi como elementos mediadores e de formação que se pautam, de certa maneira, na herança histórica, reposta dinamicamente no presente através da memória (DAMASCENA, 2004, p.23).

O desafio se faz em estabelecer conexões entre estas práticas em locais tão diferentes, mas que encontram no desejo de cumprir com a tradição, ao mesmo tempo em que precisam atrair os jovens e, a partir deles, construir o presente e se preparar para o futuro, contando com o compromisso que os jovens aprenderam a amar e defender os preceitos, seja da congada seja do cacumbi.

### **Referencias bibliográficas**

CASTELS, Manoel. O poder da Identidade (a era da informação: economia, sociedade e cultura). São Paulo, Paz e Terra, 2001.

DAMASCENA, Adriane A. Os jovens, a congada e a cidade: percursos e identidades de jovens congadeiros em Goiânia. Goiânia, Goiás, IESA\_UFG, Tese de doutorado em Geografia. 2012.

DAMASCENA, Adriane A. Ser negro em Goiás: O caráter formativo das congadas como manifestação cultural negra na cidade de Goiânia. Relatório Final, Concurso Negro e Educação, Anped, 2004.

---

<sup>6</sup>Como aquilo que marcam identidade, dobram o tempo, remodulam e adornam o corpo, e contam estórias. In: SCHECHNER, Richard. 2006. "O que é performance?", em Performance studies: an introduccion, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51.

**FONTES JR, Irineu Silva. Cacumbi mestre deca: renovando a tradição - a relação grupo cultural e gestão pública. Aracaju, monografia de especialização do curso de formação de gestores culturais dos estados do nordeste. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da UFB, FUNDAJ e MEC, 2014.**

**HALL, Stuart. Da diáspora. Belo Horizonte, UFMG/UNESCO, 2003.**

**LE GOFF, Jaques. História e memória. Campinas, UNICAMP, 2003.**

**LUCAS, Glaura. Os sons do rosário. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002.**

**MARTINS, E. R. A Geografia Urbana na dissolução das identidades. In: Scripta Nova, Revista Eletrônica de Geografia Y Ciências Sociales. Universidad de Barcelona, nº 94, agosto de 2001. Site: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-60.htm>. Pesquisado em janeiro/2009>.**

**MUNANGA, Kabenguele. Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia, In: Relações raciais e educação: temas contemporâneos. Editora Eduff, Niteroi, RJ, 2002, p.15-34.**

**SOUZA, Patricia Teixeira de. Cacumbi, catumbi, quicumbi, ticumbi: uma análise dos elementos teatrais contidos nesta manifestação afro-brasileira de Santa Catarina. Santa Catarina, monografia de graduação em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas da UESC. 2006.**